

Taubaté, Mario Boeris Audrá, por 150 contos de réis. Já os animais, os maquinários, as ferramentas, os móveis, dentre outras benfeitorias, foram vendidos pelos monges a Audrá por 160 contos de réis.

Destarte, o último grupo de monges retornou à França, ficando apenas um monge em terras brasileiras, o holandês irmão Leonard Van Lier, que se transferiu para o mosteiro de São Bento, na cidade de São Paulo, onde faleceu em janeiro de 1948. Em suma, a Trapa Maristela foi uma referência durante os 27 anos de sua existência, proporcionando a Tremembé e à região grandes avanços econômicos e sociais.

Atualmente, a parte alta da antiga Trapa Maristela, particularmente o local onde era o mosteiro, é a sede de um hotel fazenda. Já no Berisal, conserva-se a capela construída pelos monges em 1917, e ainda pode-se ver, em estado de grande deterioração, o solar construído em 1908 para abrigar os monges que gerenciavam a produção de arroz, que ainda continua vigorosa em toda a região.

José Eduardo Manfredini Júnior, graduado em História pela Universidade de Taubaté (Unitau), é professor de História na rede municipal de ensino de Taubaté-SP e na rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

Orval, uma grande abadia belga, com substrato brasileiro

PETER HEYRMAN

A abadia trapista de Orval (Vale de Ouro) se situa efetivamente num vale pitoresco e fértil no sudeste da Bélgica, a pouca distância da fronteira com a França, na região da Gaume, que goza de um microclima de temperaturas em média mais altas que nas Ardenas. Nos últimos anos sua fama cresceu bastante graças à cerveja que produz desde 1931, em quantidade limitada. Entre as seis cervejas trapistas belgas reconhecidas, é apreciada pela sua qualidade artesanal, pelo menor teor de álcool e por seu gosto mais seco.

A abadia de Orval tem um longo e perturbado passado. Sua fundação dataria de 1070, em plena guerra de investidura. Os primeiros monges, beneditinos italianos, preferiram logo voltar para o sul mais quente. Em 1132 chegaram os primeiros sete monges cistercienses, enviados e talvez acompanhados por seu fundador, Bernardo de Clairvaux. Orval foi a primeira fundação desta ordem nos Países Baixos. Nos séculos seguintes a abadia aumentou progressivamente suas terras de exploração agrícola e suas fundições de ferro se destacaram entre a metalurgia europeia. A abadia participou ativamente dos movimentos de reforma da ordem depois do Concílio de Trento e adotou desde 1593 as regras severas da ‘estrita observância’. Bastante exitosa, Orval contava 130 monges em 1723. As rendas crescentes da comunidade foram investidas desde 1760 em um imponente conjunto abacial, projetado pelo arquiteto ‘ilustrado’, Laurent-Benoît Dewez. Entretanto, este nunca se concluiu, porque foi pilhado e destruído em 1793 pelas tropas revolucionárias francesas. A comunidade fugiu e as terras e as ruínas foram vendidas pelas autoridades francesas.

Durante o século XIX, período do *revival* religioso, numerosas comunidades religiosas conseguiram reocupar suas antigas fundações, mas não foi o caso de Orval. A abadia trocou várias vezes de proprietários, que exploraram sem vergonha as ruínas como pedreiras. Estas, no meio da floresta, atraíam cada vez mais turistas, ainda mais depois das visitas de Victor Hugo em 1862-1864. Foi publicado em 1913-1914 um decreto de proteção, dando início



A abadia de Orval, no sudeste da Bélgica, vista do claustro e da torre da igreja.

às primeiras obras de restauração. Este interesse público se devia em boa parte ao pároco da aldeia vizinha de Villers-devant-Orval,



Marie-Albert Van der Cruyssen e o arquiteto Henry Vaes na Abadia de Orval.

Nicolas Tillière (1845-1916), que organizava peregrinações e comemorações para o culto de Nossa Senhora de Orval e escrevia poesias românticas sobre o lugar, seu profundo significado religioso e seu trágico passado. O tema da abadia, mártir da violência revolucionária, cultivado nos meios católicos conservadores.

Tillière esperava o regresso dos cistercienses e uma primeira ocasião se apresentou quando, em 1901, o abade Jean-Baptiste Chautard (1858-1935), da trapa de Sept-Fons, se informou sobre o estado das ruínas. Ele procurava um bom lugar para fundar um priorado. O ambiente na França de crescente anticlericalismo – o Combismo – incitava a comunidade de Sept-Fons a emigrar para o exterior. Seus correspondentes belgas divergiam a respeito da excelente localização, da habitabilidade das ruínas e do potencial econômico e religioso da região. Assim, Chautard começou a prospectar outras localizações na Escócia e na Polônia, mas decidiu-se finalmente pela fundação de um priorado no Brasil. Em 19 de agosto de 1904 a abadia de Sept-Fons enviou um pequeno grupo de monges para Tremembé, perto de Taubaté, no Estado de São Paulo. Lá fundaram o mosteiro de Nossa Senhora de Maristela, que não se revelaria um êxito vocacional.

Na mesma época em que Chautard decidiu chamar a comunidade de Maristela de volta, o dossiê do destino das ruínas de Orval avançou de novo. E, desta vez, a ‘ressurreição de Orval’ prosseguiu. A figura central nesta história foi o gandense Karel Van der Cruyssen (1874-1955), empresário de decoração e cons-

trução e um dos líderes do movimento católico das classes médias na Bélgica antes da Primeira Guerra Mundial. Em agosto de 1914, este celibatário de 40 anos se apresentou como voluntário e fez uma carreira militar notável na frente de batalha do Yser. Em novembro de 1918 voltou a Gand como tenente e famoso herói de guerra e retomou seu compromisso social e político. Dispunha de diversas e largas redes de amigos e de bons contatos na ala direita do partido católico. Como ex-combatente desfrutava efetivamente de boa reputação na corte. Podia ambicionar um mandato no parlamento. Mas em 30 de outubro de 1919, Van der Cruyssen surpreendeu amigos e inimigos por sua repentina partida de Gand. Umas semanas mais tarde soube-se que entrou na La Grande Trappe em Solignies (Normândia). O noviço de 45 anos recebeu o nome de Marie-Albert e foi ordenado padre em dezembro de 1925. Em razão de sua experiência profissional, o novo monge foi encarregado pelo abade Jean-Marie Clerc (1882-1971) dos problemas materiais (*cellarius*).

Os dois visitaram em 8 de maio de 1926 as ruínas da abadia de Orval. Se entenderam também com os proprietários do antigo complexo abacial, a família de Harenne. Esta tinha pouco antes contatado a abadia de Solignies. Seu desejo de devolver a controvertida propriedade à ordem se relacionou logo com os planos de reconstrução da abadia e, levando em conta o passado de Van der Cruyssen, lhe foi confiado o dossiê. Ele formou, em 8 de julho de 1926, com alguns bons amigos de Gand, uma sociedade sem fins lucrativos. Onze dias depois a família de Harenne doou sua propriedade a essa entidade jurídica. A iniciativa já correspondia à necessidade de um lugar para os monges de Sept-Fons, que regressavam do Brasil. Em 6 de novembro foi acertado definitivamente que os monges de Maristela alojar-se-iam em Orval e que Sept-Fons forneceria também o indispensável para formar a nova comunidade.

A reconstrução de Orval foi uma empreitada impressionante, dirigida por Marie-Albert Van der Cruyssen de maneira enérgica, mas nem sempre correta. Van der Cruyssen mobilizou para o projeto todos os seus contatos de negócios e de amizade. Sabia recolher dinheiro em todas as partes. Começou uma exitosa cervejaria (1931) e uma queijaria (1932). Mobilizou a nobreza e a casa real e sabia, com pregações, festivais de todo tipo, venda de selos e uma equipe de ajudantes voluntários muito ativos, envolver quase toda a comunidade católica belga nessa iniciativa. Orval foi, ao lado da basílica de Koekelberg, em Bruxelas, sem dúvida o projeto católico mais presente na mídia no período entre as guerras. Realizou um conjunto monumental numa estética moderna. Renomados artistas belgas, como Albert Servaes (1883-1966) ou Oscar Jespers (1887-1970), foram convidados. A colaboração entre Van der Cruyssen e o arquiteto Henry Vaes (1876-1944) foi decisiva em todo o projeto.

Van der Cruyssen, bastante ocupado com o projeto de construção e seu financiamento, se encontrava frequentemente em Bruxelas e seu nome aparecia também, nos anos de 1930, em muitos dossiês políticos. O bem-estar de sua jovem comunidade religiosa o preocupava bem menos. Esta nunca contaria mais de

58 membros, em desproporção com o monumental conjunto levantado. Os primeiros monges chegaram em 11 de março de 1927. De Sept-Fons partiram finalmente 14 religiosos para Orval, de Maristela vieram 20 padres de coro e irmãos. Em 28 de setembro lhes foi instalada uma capela de São Bernardo e, em dezembro de 1927, um noviciado. No início, os monges moravam em condições precárias no prédio da portaria. Somente em 1928 pôde a comunidade ocupar um edifício próprio, onde se situaria mais tarde o noviciado.

Na comunidade surgiram tensões tanto entre os padres de coro e os irmãos como entre os grupos de diferentes origens, os franceses, os ‘brasileiros’ e as vocações belgas. Muitos monges criticavam o prior sobre como sua vida dedicada a Deus podia conciliar-se

com o barulho do gigantesco canteiro e as frequentes visitas de turistas e personalidades. Por isso o prior Van der Cruyssen e o abade Chautard entravam frequentemente em conflito. Depois do falecimento deste último, em dezembro de 1935, a comunidade foi desligada da matriz de Sept-Fons, o que abriu caminho para a consagração, em maio de 1936, de Van der Cruyssen como abade da ‘ressurrecta’ abadia de Orval. Se a maior parte dos monges vindos de Sept-Fons voltou para a matriz, aqueles regressados de Maristela parecem ter ficado todos em Orval.

Peter Heyrman é doutor em História e dirige a Seção de Pesquisas do Kadooc – Centro de Documentação Católica da Universidade de Lovaina.

Os colégios das freiras belgas

EDDY STOLS

Tanto Van Caloen como os premonstratenses do Park empenharam-se bastante para trazer congregações femininas ao Brasil. As primeiras, solicitadas pelo bispo de Gand, Stillemans, foram as Irmãs de São Vicente de Paulo, de Gijzegem, perto de Aalst, ou vicentinas. Doze freiras, recebidas em Recife por Van Caloen, em maio de 1896, instalaram-se no convento da Conceição, salvo a madre superiora, que caiu no desembarque e teve que voltar. Abriram uma escola primária e profissional, um orfanato e intervieram numa epidemia de varíola. Já em 1897, a convite do Bispo Arcoverde, de São Paulo, as primeiras se deslocaram para lá. Patrocinadas por Monsenhor Passalacqua e sua família, instalaram uma Casa Pia no bairro de Santa Cecília, cuidaram do instituto oftalmológico do doutor Pignatari para imigrantes na Vila Mariana, abriram escolas paroquiais e externatos, um dispensário e um asilo. Uma irmã contagiada pela lepra teve que voltar à Bélgica.

Como conseguiram rapidamente recrutar jovens brasileiras, começaram, em 1911, um noviciado na Penha que se tornaria sua sede principal e até monumental no Brasil. Enquanto em 1915 deixaram Olinda, expandiram a partir de 1914 suas atividades para outras cidades paulistas, Mogi das Cruzes, Jundiaí, Pindamonhangaba, Santos e São Roque.

Em 1927 entraram em Mato Grosso, nas cidades de Bela Vista, Aquidauana e Miranda, onde trabalharam em escolas e em catequização nos aldeamentos. Para tudo isso receberam reforço da Bélgica, com mais de 50 irmãs até 1956, das quais restavam sete em 1975. Naquele ano, contavam com 266 freiras brasileiras, depois de ter recrutado desde 1910 mais de 550 moças, um êxito notável, ainda mais que durante muito tempo não aceitavam negras, mulatas, filhas naturais ou de pais desquitados. Às noviças brasileiras custava aceitar a língua francesa, receber pouca água para a higiene, ter a cabeça raspada careca e vestir muitos metros

de saias, além das longas rezas para santos belgas e de não falar com protestantes.

Quase simultaneamente chegaram em Olinda outras freiras belgas, as Damas da Instrução Cristã, que se notabilizaram por escolas mais elitistas. Foi o caso da terceira congregação a desembarcar no Brasil, em dezembro de 1906, as cónegas de Santo Agostinho ou Damas de Jupille – nome de sua matriz belga. Forçadas pela concorrência dos pensionatos abertos por freiras francesas exiladas, cogitaram a expansão no Brasil, sempre com a mediação de Van Caloen. Este julgou as cinco primeiras como muito ativas e de boa instrução. Elas receberam logo reforço e, em 1907, compraram em São Paulo, da família Uchoa, sua Vila para abrir um internato.

Este colégio *Des Oiseaux* ganhou rapidamente boa reputação entre as elites paulistas tanto pelo requinte das regras numa casa *art-nouveau* do arquiteto Victor Dubugras como pelo bom nível da educação intelectual. Também Santos ganhou, em 1924, um colégio desse tipo, o *Stella Maris*, e em 1933 as cónegas lançaram até mesmo a *Faculdade Sedes Sapientiae*, com prédio próprio projetado por Rino Levi em 1941, incorporada à Pontifícia Universidade Católica em 1971. Fomentavam entre suas alunas mais ambição intelectual do que costumeira e algumas, como Ruth Cardoso e Marta Suplicy, se destacaram na vida pública. Conseguiram também recrutar moças brasileiras de boa família como religiosas, algumas famosas como Madre Cristina, pioneira da psicanálise, e Ivone Gebara, teóloga feminista, capaz de enfrentar o conformismo da hierarquia brasileira.

Dentro desta ordem serviam abaixo das cónegas também diaconisas, encarregadas dos serviços materiais. Uma delas, Irma Jehaes, uma limburguesa, chegada ao Brasil em 1934, ficou famosa como a Madre Aline dos pobres. Fundou uma creche no bairro afastado de Itaquera para os filhos de mães trabalhadoras, susten-